

Desastre ronda criação de camarões no mangue

Outros países tiveram prejuízos econômicos e ambientais com atividade sem controle

HERTON ESCOBAR

A criação de camarão em mangue, uma atividade em expansão no Brasil, parece ser um excelente negócio. Mas a experiência de outros países mostra que nem sempre é assim — especialmente se a produção não for acompanhada de um rígido sistema de controle ambiental. Países líderes do setor, como Tailândia, Indonésia, Filipinas e Equador, amargaram duras experiências com a destruição de manguezais, com prejuízos econômicos e ambientais.

Nos últimos quatro anos, a criação de camarão em cativeiro, a carcinicultura, explodiu no País. Principalmente no Nordeste, que concentra 97% da produção nacional. A maior parte dos empreendimentos está localizada em áreas de manguezais ou próximas a eles, onde a água é de boa qualidade e as marés abastecem os viveiros.

Hoje a produtividade dos viveiros no País já é uma das maiores do mundo: 4 toneladas de camarão por hectare/ano, segundo a Associação Brasileira dos Criadores de Camarão (ABCC).

Na Tailândia, o maior produtor mundial, a média é de 2,5 toneladas por hectare/ano.

O faturamento médio do carcinicultor brasileiro no ano passado foi de US\$ 22 mil por hectare. Algumas empresas chegaram a faturar US\$ 45 mil por hectare, segundo a ABCC.

A alegria, no entanto, pode durar pouco. O histórico da atividade em outros países indica



Viveiros ocupam áreas de antigas salinas no Rio Grande do Norte

que ela não é sustentável a longo prazo. Sem o mangue para servir de filtro natural, os aditivos químicos, pesticidas e antibióticos aplicados nos viveiros acumulam-se no ambiente, inviabilizando a atividade após alguns anos.

Desastres — Entre 1989 e 1999, a indústria asiática perdeu US\$ 1 bilhão em investimentos por causa da autocontaminação de viveiros, segundo o biólogo Aristoteli no Ferreira, chefe do Departamento de Botânica, Ecologia e Zoologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Na Tailândia, mais da metade das fazendas de camarão fecharam em menos de dez anos.

No Equador, o maior produtor de camarão cultivado no Hemisfério Ocidental, cerca de 150 mil hectares de mangue — metade da área total desse ecossistema — foram destruídos nos últimos 30 anos para a construção de vi-

veiros de camarão, segundo a organização Greenpeace.

Calcula-se que haja mais de 200 mil hectares de fazenda de camarão naquele país — e que 75% deles são ilegais. Em 1999, uma epidemia viral, a chamada doença da mancha branca, quase dizimou a indústria, cuja produção anual caiu de 130 mil toneladas em 1997 para 45 mil toneladas, no ano passado. “Cerca de 75% das fazendas faliram”, afirma o biólogo especialista em manguezais Clemente Coelho Júnior, do Instituto Oceanográfico da Universidade de São Paulo.

Alternativa — A solução é transferir a criação para longe do mangue, com sistemas fechados de reciclagem para o reaproveitamento dos efluentes, segundo Ferreira, da UFRN. Na Indonésia, viveiros de camarão só são permitidos a 200 metros da costa.

“A longo prazo, é mais barato bombear água de longe do que tratar água do mangue.” A prática, segundo ele, foi adotada em vários países asiáticos e já funciona em alguns empreendimentos no Brasil.

**INDÚSTRIA
ASIÁTICA
PERDEU
US\$ 1 BILHÃO**

Para produtor, atividade é sustentável

O presidente da Associação Brasileira dos Criadores de Camarão, Itamar de Paiva Rocha, garante que a atividade é feita de maneira sustentável no País. Segundo ele, os empreendimentos mais antigos do Nordeste

aumentaram sua produtividade média em 35 vezes nos últimos 15 a 20 anos, “o que põe por terra as falsas afirmações de que a atividade tem pouco tempo de vida útil por degradar o meio ambiente”.

Rocha garante que a grande maioria dos viveiros no Brasil está em áreas abandonadas de antigas salinas ou viveiros de peixes, já degradados há muito tempo. “Estamos transformando pedra em pão.” (H.E.)

Documentação

Fonte: OESP (Geral)

Data: 25/11/2001 Pg: A13

Class.: 09

Magnus Nascimento/Jornal de Natal